

A PENETRAÇÃO DA EDUCAÇÃO ADVENTISTA NO BRASIL

Marcos Silva
Professor Adjunto na UEFS
Universidade Estadual de Feira de Santana/BA.
silva.marcos@uol.com.br

INTRODUÇÃO

O objetivo deste escrito é demonstrar como a educação adventista no Brasil originou-se, de forma peculiar, no contexto da introdução do país nos quadros da modernidade Ocidental. Sendo uma proposta educacional oriunda dos Estados Unidos, o artigo esclarecerá a origem do Adventismo e de seu sistema educacional no processo de formação histórico-cultural daquele país, para que se possa melhor entender o caráter original deste sistema de educação confessional e sua evolução até a transposição para as terras brasileiras.

CONDIÇÕES HISTÓRICAS DO SURGIMENTO DO ADVENTISMO

O adventismo surgiu no ambiente cultural dos Estados Unidos da América na primeira metade do século XIX. Este período correspondeu à introdução da modernidade naquele país e à formação de sua cultura nacional.

Duas características principais distinguiam a visão de mundo norte-americana então: no plano interno, o “americanismo¹” e no plano da influência externa, européia, o romantismo. Assim, o movimento adventista desenvolveu sua peculiar visão de mundo em função de sua resposta a estas duas correntes ideológicas.

Além disto, após a Segunda Guerra de Independência (1812 a 1814) contra a Grã-Bretanha, o grande processo de migração para o Oeste, além de conseqüências

¹ A origem mais remota do americanismo pode ser encontrada no puritanismo dos primeiros imigrantes, que acreditavam estar lançando as sementes de um grande povo, que Deus vinha plantar em uma terra predestinada. Esta se tornou a chave para compreender a visão de si mesmos dos americanos. Durante as guerras de independência esta ideologia emergiu açulada pelas circunstâncias. Este senso de eleição divina foi usado para justificar a expansão territorial norte-americana e a expulsão dos povos indígenas de suas terras. Assim, o americanismo pode ser considerado um tipo de messianismo que teve sua ideologia consubstanciada através da doutrina do "Destino Manifesto". Apesar desta expressão só surgir em 1845, a filosofia subjacente ao Destino Manifesto sempre existiu ao longo da história americana.

políticas (a criação de novos estados), fundiárias (a disponibilidade de terras de bom tamanho para os colonos) e sócio-econômicas (deslocamento do excedente populacional devido ao crescimento urbano e industrial ocorrido no leste), também trouxe conseqüências culturais. Dentre estas, interessa perceber como “o nascer do novo Oeste” moldou o que viria a ser chamado de o Segundo Grande Despertar Evangélico².

Ora, a condição psico-social na fronteira era bastante diferente da predominante na costa Oriental. O indivíduo do Oeste recebeu uma influência da Europa muito menor que o das áreas de colonização antiga, desenvolvendo assim uma mentalidade nacional. Acreditava na igualdade, era autoconfiante e materialista, apesar de possuir, por força das circunstâncias da própria sobrevivência, um forte senso comunitário. Pragmático, o homem do Oeste tomou a religião em suas próprias mãos, e renunciando às abstrações da teologia, desenvolveu uma fé mais emocional.

Por outro lado, o fundamento principal da tradição calvinista, a salvação pela eleição, sob o impacto da democracia jacksoniana³, estava sendo substituído pelo conceito arminiano⁴ da salvação pelo livre-arbítrio.

Assim, este conjunto de fatores, no plano religioso, despertou uma espécie de milenarismo secular que se difundiu entre as igrejas tradicionais norte-americanas. Esta crença levou as Igrejas a um amplo movimento de reforma social no país e, no exterior, a um movimento de missões estrangeiras. A América cristã tinha o dever de preparar o mundo para a instalação do reino de Cristo na Terra.

Era, pois, uma doutrina de cunho pós-milenarista, na qual os Estados Unidos desempenhavam o papel de instrumento divino de redenção universal.

Estas foram as circunstâncias e a psicologia social que caracterizaram o

² Considera-se que, quando um movimento reavivalista expande-se a ponto de atingir à sociedade em geral por um considerável espaço de tempo, o *revival* torna-se um “Despertar”.

³ Andrew Jackson (1767 - 1845), político democrata norte-americano, foi presidente dos Estados Unidos de 1829 a 1837. Destacou-se por defender os princípios da soberania popular. Em seu discurso dizia: “É a maioria que governa”. “Ao povo pertence o direito de eleger seu chefe supremo”. Jackson defendia a soberania da vontade de um povo virtuoso e competente. Ao mesmo tempo, desempenhou uma presidência vigorosa que levou ao fortalecimento do poder presidencial. Andrew Jackson, um homem da fronteira, tornou-se o herói que incorporava os desejos americanos e representou a superioridade da América sobre uma super civilizada Europa.

⁴ James Arminius (1559 - 1609), teólogo holandês, tentou mudar o calvinismo. “Para que o homem não fosse um autômato nas mãos de Deus”. Armínio aceitava a eleição, mas dizia que o processo de salvar uns e condenar outros se apoiava na “presciência” de Deus. E esta eleição era condicional e não incondicional, ao contrário do que ensinava Calvino. Armínio dizia que a morte de Cristo era suficiente para todos, desde que acreditassem. Calvino limitou a salvação aos eleitos para a redenção.

ambiente cultural dos Estados Unidos quando da eclosão do milerismo, movimento do qual o adventismo derivou.

Foi exatamente na chamada região do "distrito incendiado", onde nasceu o *revival* que deu origem ao Segundo Grande Despertar Evangélico, o velho noroeste, correspondendo a Kentucky e oeste do Estado de Nova York, que William Miller,⁵ em 1831, iniciou a pregação de que a Segunda vinda de Cristo à Terra aconteceria no ano de 1843, dando origem a um amplo movimento pré-milenarista, o millerismo.

A promessa desta utopia radical atraiu um grande contingente de adeptos, calculado pelo próprio William Miller no ano de 1843, ano em que, segundo seus cálculos proféticos, ocorreria a pessoal e visível volta de Cristo à Terra, em um milhão de seguidores.

Assim, o millerismo foi um movimento interdenominacional⁶ até o ano de 1844, quando o chamado "grande desapontamento", ou seja, o não cumprimento da interpretação profética de William Miller, fracionou o movimento e provocou o surgimento de vários grupos religiosos, dentre os quais a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

A FORMAÇÃO DO SISTEMA EDUCACIONAL ADVENTISTA

Esta proto-história do Adventismo permite identificar claramente que o mesmo desenvolveu-se como uma subcultura dentro da cultura evangélica norte-americana e que a modernidade é o horizonte cultural mais amplo que desafiou sua constituição, exigindo respostas de seus fundadores.

Porém, se as origens remotas do Adventismo situam-se no *antebellum*⁷, o surgimento de seu sistema educacional ocorrerá no *postbellum*, ou seja, a partir de 1868. Desta forma, para entender a resposta desta subcultura Adventista à modernidade,

⁵ William Miller (1782 - 1849), fazendeiro em Low Hampton, Nova York, que lutou na Segunda Guerra de Independência, alcançando o posto de capitão, tornou-se pregador leigo Batista. É considerado o "pai do movimento Adventista na América". A partir de 1831 passou a pregar, com base em sua interpretação das profecias apocalípticas, o "breve" retorno pessoal e visível de Cristo à terra.

⁶ Segundo Everett N. Dick, a composição do milerismo era a seguinte: 44,3% eram Metodistas; 27% eram Batistas; 9% eram Congregacionalistas; 8% eram membros da Igreja Cristã; 7% eram Presbiterianos, com holandeses reformados, Episcopal Igreja Luterana e Quakers ocasionalmente presentes. ROWE (1993)

⁷ Latinismo usado na historiografia norte-americana para designar especialmente o período anterior à Guerra de Secessão (1861-1865).

conforme se consolidou em seu sistema educacional, será necessário contextualizar seu surgimento na segunda metade do século XIX.

A penetração da modernidade na sociedade norte-americana impunha não só uma nova estrutura de produção e de vida, representadas respectivamente pelo industrialismo burguês e pela urbanização e suas conseqüências, mas, também, as idéias pedagógicas correlatas a esta nova realidade.

O utilitarismo norte-americano favoreceu a ampla aceitação dos ideais educacionais iluministas vindos da Europa. Desde John Locke, passando por Rousseau e alcançando com Pestalozzi⁸ o status de método didático pedagógico, o trabalho manual foi uma bandeira da educação moderna.

Estes pensamentos influíram também no amplo movimento de reforma social, de cunho predominantemente conservador, ocorrido nos Estados Unidos no período de 1830 a 1860, cujas raízes materiais e ideológicas foram apresentadas anteriormente. Dentre as reformas sociais pretendidas estava a educacional, cuja principal inovação foi a difusão do trabalho manual, principalmente agrícola, em escolas localizadas na zona rural.⁹

Esta reforma educacional também foi projeto dos evangélicos. Em 1808, os evangélicos congregacionistas e presbiterianos fundaram conjuntamente o Seminário de Andover, em Massachusetts. Este foi um destacado centro de atividade reformista conservadora, onde se exigiu de cada estudante um tempo mínimo diário de trabalho manual.

Porém, a mais significativa experiência evangélica dentro deste movimento de reforma educacional foi inaugurada em 1833 no nordeste de Ohio, o Oberlin College¹⁰. A proposta do protestantismo conservador, conforme consubstanciada em Oberlin, ultrapassou o ideal do trabalho manual, apesar deste continuar ocupando uma posição central.

⁸ Na realidade, segundo EBY (1962), quem primeiro introduziu o pestalozzianismo na América do Norte foi William Maclure, um diplomata e rico comerciante na Filadélfia. Havendo visitado Pestalozzi e Fellenberg (que desenvolveu uma experiência de escola técnica agrônômica no início do século XIX) na Suíça, seguindo orientação do próprio Pestalozzi levou Joseph Neef, professor francês experimentado no método do pedagogo suíço, para a América e, sob a direção de Neef, inaugurou nos subúrbios da Filadélfia em 1809 uma escola que seguiu o método de Pestalozzi com bastante êxito.

⁹ Em 1831, sob o patrocínio dos comerciantes Arthur e Lewis Tappan foi fundada em Nova York a *Society for Promoting Manual Labor in Literary Institution*. (Sociedade para a Promoção do Trabalho Manual em Instituições Literárias).

¹⁰ <http://www.oberlin.edu/>

Fundada pelo Reverendo John J. Shipherd, a Colônia e Escola de Oberlin teve como objetivo inicial preparar professores e missionários para trabalharem no então desolado Oeste americano. Adotando como inspiração primeira o pietismo¹¹, apesar de seu conservadorismo, o Oberlin tomou algumas medidas progressistas para a época, como a luta contra a escravidão, a admissão de alunos negros e a co-educação, sendo a primeira instituição da América a conferir o grau de Bacharel a mulheres.

Outras de suas práticas educacionais inovadoras para a época foram: a educação integral, que envolve o físico, o mental e o espiritual; reforma nos hábitos de saúde, sobretudo no que diz respeito à alimentação, incluindo a dieta vegetariana¹²; currículo centrado na Bíblia com forte crítica aos autores clássicos¹³; instituições educacionais localizadas na zona rural e preocupação com as demais reformas sociais.

No entanto, a instituição do Oberlin College ocorreu em função das estratégias de expansão do Segundo Grande Despertar Religioso, que também trazia em seu bojo uma proposta de mudança social. Isto pode ser comprovado pelas seguintes palavras de FINNEY (1999), que foi nomeado em 1852 presidente da Faculdade de Oberlin:

¹¹ Movimento religioso surgido na Alemanha na segunda metade do século XVII como reação ao chamado escolasticismo protestante do Luteranismo e à secularização da igreja na Alemanha. Philipp Jakob Spener (1635 - 1705) foi o iniciador deste movimento com a publicação do livro *Pia Desideria*. O continuador da obra de Spener foi August Hermann Francke (1663 - 1727), que tornou a Universidade de Halle o grande centro do Pietismo na Europa. A influência do pietismo atingiu o seu maior alcance através de John Wesley (1703-1791), fundador do Metodismo.

¹² Com relação ao regime vegetariano é importante frisar que ROUSSEAU (1999: p. 38) em seu *Emílio* já o defendia. Escreveu o genebrino: "As camponesas comem menos carne e mais legumes do que as mulheres da cidade, e esse regime vegetal parece mais favorável do que contrário a elas e a suas crianças." Mais adiante, sentenciou Rousseau: "Não posso acreditar que uma criança que não seja desmamada muito cedo, ou que só seja desmamada com alimentos vegetais e cuja ama-de-leite também só viva de vegetais, algum dia contraia vermes." E por fim, depois de aconselhar a "reforma das regras da cozinha", arrematou Rousseau: "Será possível que, sendo o regime vegetal reconhecidamente o melhor para a criança, o regime animal seja o melhor para a ama-de-leite?" ROUSSEAU (1999, pp. 39 e 40).

¹³ De acordo com o pensamento dos reformadores de Oberlin, o estudo do texto hebraico e grego da Bíblia poderia disciplinar melhor a mente dos estudantes do que o estudo dos autores pagãos clássicos, pois encheria a mente dos estudantes de verdades. Segundo Asa Mahan, diretor de Oberlin, os clássicos pagãos serviam para educar pagãos e não cristãos. Por outro lado, a leitura de romances era visto como um mal em si mesmo, estimulante da imoralidade. Em vista disto, todos os departamentos de Oberlin elaboraram seus currículos centrados na Bíblia. KNIGHT (1983)

Agora o grande negócio da Igreja é reformar o mundo, encerrar todo tipo de pecado. A igreja de Cristo foi organizada para ser um corpo de reformadores... A igreja cristã foi projetada para fazer movimentos agressivos em toda direção - erguer ao alto sua voz e projetar suas energias contra a iniquidade em todos os lugares - reformar os indivíduos, comunidades e governos, e nunca descansar até que o reino e grandeza do mundo sejam dados aos santos do Deus altíssimo - até que toda forma de iniquidade seja desviada da terra.

Fica evidenciada que a perspectiva ampla do Oberlin College era uma reação à vertente racionalista da modernidade. Uma típica manifestação do romantismo que invadiu a vida social americana na primeira metade do século XIX.

O que representou, então, a perspectiva racionalista na educação norte-americana nesta época? Pode-se atribuí-la ao amplo programa de reformas dirigido por Horace Mann (1796-1859) na qualidade de Secretário do Conselho Escolar do Estado de Massachusetts a partir de 1837. A grande obra de Horace Mann foi o incentivo à escola pública elementar em seu estado. Além de um amplo diagnóstico das deploráveis condições de funcionamento das escolas tradicionais, Horace Mann visitou a Europa, estudando o funcionamento do sistema escolar de vários países, e deixou ampla literatura fornecendo sugestões de reforma. O fato é que Horace Mann lia pelo mesmo catecismo do pensamento educacional da modernidade.

Os católicos não aceitaram este catecismo. Durante as décadas de 1830 e 1840 os católicos norte-americanos se revoltaram contra o uso de hinos protestantes, orações e o uso da versão King James da Bíblia¹⁴ na educação de suas crianças nas escolas públicas. Recusando-se a enviar seus filhos para as escolas públicas americanas, tentaram inutilmente obter financiamento público para apoiar as escolas para as crianças católicas.

Não conseguindo seu intento, os católicos desenvolveram um sistema de escolas paroquiais elementares que operava paralelamente ao sistema de escolas públicas. Esta foi a solução adotada posteriormente pelos Adventistas, quando da criação de seu sistema educacional, que visava exatamente proporcionar uma alternativa cristã

¹⁴ Versão da Bíblia realizada na Inglaterra por 54 sábios reunidos pelo Rei Tiago I (Jaime I, governou a Inglaterra de 1603 a 1625. Iniciou a dinastia Stuart, perseguiu católicos e calvinistas, procurando consolidar o anglicanismo), a partir de 1603. Desde esta época que, especialmente os jesuítas, lutam contra o estudo da Bíblia nesta versão. Na época, ela representou uma forma de tornar a Bíblia acessível ao povo inglês.

Adventista ao sistema público de educação, uma vez que não aceitavam a práxis nele prevalecente. LAND (1987).

Quando se chegou à metade do século XIX, a modernidade educacional já havia sido assimilada pela sociedade norte-americana. Prova disto é que o moderno conceito de infância já estava ditando o comportamento. Se não, note-se como isto aparece em uma análise do "ethos progressista" norte-americano, onde o principal objetivo é demonstrar que este tipo de comportamento recebeu forte influência das tendências do protestantismo norte-americano do século XIX:

Considerando que antes a criança tinha sido educada por um mundo mais amplo, incorporado ao lar ou nele entrando e saindo livremente, agora essa criança fica cada vez mais isolada, no lar e na escola, do mundo de trabalho dos adultos.

À medida que o círculo de substitutos disponíveis dos pais diminuía, a concentração da atenção e do afeto no relacionamento imediato pai-filho aumentava. O resultado foi uma forte tendência para a indulgência. O castigo físico na disciplina dos filhos foi sendo substituído por apelos ao amor dos pais e a vergonha por desobedecê-los, uma substituição encorajada por uma literatura cada vez mais farta sobre educação infantil. Por volta da década de 1850, a nova pedagogia tinha superado; na teoria, se não quase sempre na prática, a idéia puritana de que a vontade pecaminosa da criança devia ser dobrada na tenra idade. GRIFFEN (1985, p. 199).

No *postbellum*, a atenção voltou-se para o nível colegial com a expansão da influência sobre a escola do conhecimento científico e da tecnologia. Mas, a teoria intelectual dominante foi o darwinismo. Sob o seu influxo ocorreu uma revisão das idéias em todos os campos de conhecimento, inclusive na educação.

A aplicação filosófica e educacional do darwinismo coube a Herbert Spencer (1820 - 1903), com a "teoria geral da evolução". Propondo um encontro entre a religião, a quem cabia estudar o "incognoscível", e a ciência, a quem cabia o estudo do cognoscível, Herbert Spencer definitivamente coloca a ciência, o conhecimento mais importante conforme definido em sua obra *Educação*, como a fonte de conteúdos para a educação. Política e socialmente, Spencer foi um conservador. Era inimigo das propostas de reforma social rápida, defendendo o liberalismo político. Em educação, além de contribuir para a suplantação da vertente humanista na educação, advogou uma ampla margem de liberdade ao educando. EBY (1962).

Outros desdobramentos importantes do darwinismo foram: o esquema de

evolução cultural da humanidade elaborado por Lewis Henry Morgan (1818 - 1881) defendido em seu *A Sociedade Arcaica* e a filosofia pragmática de Charles S. Peirce (1839 - 1914) e William James (1842 - 1910), "versão contemporânea do empirismo inglês" e um dos fundamentos da futura "educação nova", do pensamento de John Dewey (1859 - 1952) e das teorias reprodutivistas sociológicas. FULLAT (1994, p. 266 e 384).

Estes foram os principais desenvolvimentos da modernidade educacional norte-americana, ambiente educacional com o qual a nascente pedagogia Adventista precisou interagir para definir sua identidade peculiar¹⁵.

Ora, a primeira escola Adventista oficialmente patrocinada pela denominação só surgiu no ano de 1872 em Battle Creeck, no Estado de Michigan, principal centro do adventismo, e contava com apenas 12 (doze) alunos. Na realidade, o sistema educacional foi o último desenvolvimento institucional do adventismo. Isto se deve ao milenarismo. Raciocinavam os primeiros Adventistas que, em crendo eles na iminente volta de Cristo à Terra, não tinha sentido enviar seus filhos à escola.

Para preencher a lacuna de formação das crianças e jovens foi produzida uma literatura específica a partir de 1852, um jornal intitulado *The Youth's Instructor* (O Instrutor da Juventude), e esperava-se que as reuniões semanais aos Sábados (a chamada Escola Sabatina), com algumas lições direcionadas, pudessem ajudar no trabalho das famílias com relação à instrução religiosa.

O fato é que depois das primeiras duas ou três décadas de origem da Igreja as crianças Adventistas freqüentavam a escola pública. A crítica aos valores vivenciados na educação pública foi o que impulsionou a formação das primeiras escolas Adventistas.

Assim, apesar dos escritos de Horace Mann, grande incentivador da escola pública elementar nos Estados Unidos, influenciarem a orientação educacional de Ellen White¹⁶ durante a formação do sistema educacional Adventista, um primeiro princípio

¹⁵ Alguns aspectos da identidade da educação adventista são: uma perspectiva criacionista que influencia os conteúdos ministrados em sala de aula; educação diuturna através do sistema de internato com a defesa da necessidade de trabalhos manuais para os estudantes; a adoção de um regime alimentar ovo-lacto-vegetariano e o ideal de que a educação é um processo conduzido que deve desenvolver os aspectos físicos, mentais e espirituais em harmonia. A inspiração original para esta proposta educacional foi o Oberlin College.

¹⁶ Ellen Gould Harmon, (1827 - 1915) nascida em Gorham, Maine, de família originalmente Metodista e de classe média, aceitou a mensagem milerita em Portland no ano de 1840. De frágil saúde não pôde prosseguir os estudos regulares. Após o "grande desapontamento" de 22 de Outubro de 1844, fez parte do pequeno grupo que procurou uma explicação para a falha na interpretação profética de William Miller e que deu origem à Igreja Adventista do Sétimo Dia. Chamada Ellen G. White após casar-se com Tiago

que se pode estabelecer com relação ao pensamento educacional Adventista é que o mesmo adotou uma postura crítica em relação à modernidade educacional.

Nesta perspectiva, assim se expressou WHITE (1977, p. 225. 226):

Qual é o pendor da educação dada atualmente? Qual é o objetivo para que se apela mais freqüentemente? — O proveito próprio. Grande parte desta educação, é uma perversão deste nome. Na verdadeira educação, a ambição egoísta, a avidez do poder, a desconsideração pelos direitos e necessidades da humanidade — coisas que são uma maldição para o nosso mundo — encontram uma influência contrária.

Mais adiante acrescenta:

Quão diversa é, porém, grande parte da educação que hoje se dá! Desde os tenros anos da criança consiste ela num apelo à emulação e rivalidade; alimenta o egoísmo, a raiz de todos os males. Assim se estabelece a disputa pela supremacia, e se acoroça o estudo excessivo que em tantos casos destrói a saúde e inabilita para a utilidade. Em muitos outros a emulação conduz à desonestidade; e alimentando a ambição e o descontentamento, ela amargura a vida e ajuda a encher o mundo com esses espíritos inquietos, turbulentos, que são uma contínua ameaça à sociedade. E o perigo não pertence unicamente aos métodos. Está igualmente no assunto dos estudos. Quais são as obras com que, durante todos os anos mais susceptíveis da vida, é a mente dos jovens levada a ocupar-se? No ensino da língua e literatura, de que fonte são os jovens ensinados a beber? — Das cisternas do paganismo; das fontes alimentadas pelas corrupções do antigo paganismo. Ordena-se-lhes que estudem autores dos quais, sem contestação, se declara não terem respeito pelos princípios da moralidade. WHITE (1977, pp. 226, 227).

A estas críticas correspondeu a proposição de princípios fundamentais de uma pedagogia peculiar, dentro de um espírito de "reforma educacional". Em Janeiro de 1872, ano da fundação da Escola de Battle Creek, Ellen White escreveu aquilo que é considerado a "Carta Constitucional para a Educação Adventista", um artigo

White, tornou-se escritora e seus conselhos, auto proclamados de proféticos, foram decisivos na consolidação do sistema doutrinário e organizacional da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

significativamente intitulado, *A Devida Educação*.

Neste ensaio, ao contrário da educação "negativa" proposta por Jean Jacques Rousseau¹⁷, é defendida uma educação "positiva". Porém, tal proposição da educação como um processo "dirigido" não negava a dialética entre a autonomia e a heteronomia do aprendente.

Eis como esta dialética se manifesta no tipo de educação positiva proposta por WHITE (1994, pp. 2 e 3):

Muitas são as famílias com crianças que parecem bem educadas enquanto se encontram sob a disciplina; quando, porém, o sistema que as ligou a certas regras se rompe, parecem incapazes de pensar, agir ou decidir por si mesmas. Essas crianças estiveram por tanto tempo sob uma regra de ferro, sem permissão de pensar e agir por si mesmas naquilo em que era perfeitamente próprio que o fizessem, que não têm confiança em si mesmas, para procederem segundo seu próprio discernimento, tendo opinião própria. E quando saem de sob a tutela dos pais para agirem por si mesmas, são facilmente levadas pelo discernimento de outros a errôneas direções. Não têm estabilidade de caráter. Não foram deixadas em situação de usarem o próprio juízo na proporção em que isso fosse praticável, e, portanto a mente não foi devidamente desenvolvida e avigorada. Foram por tanto tempo inteiramente controladas pelos pais, que dependem totalmente deles; estes são mente e discernimento para elas.

Por outro lado, os jovens não devem ser deixados a pensar e proceder independentemente do juízo de seus pais e mestres. As crianças devem ser ensinadas a respeitar o juízo da experiência, e serem guiadas pelos pais e professores.

Noutra parte, a autora esclarece: “A educação da criança, em casa ou na escola, não deve ser como o ensino dos mudos animais; pois as crianças têm vontade inteligente, a qual deve ser dirigida de maneira a reger todas as suas faculdades. Os

¹⁷. Assim descreveu Rousseau sua educação negativa: "Consiste não em ensinar a virtude ou a verdade, mas em proteger o coração contra o vício e o espírito contra o erro. Se pudésseis nada fazer e nada deixar que fizessem, se pudésseis levar vosso aluno são e robusto até a idade de doze anos sem que ele soubesse distinguir a mão esquerda da direita, desde vossas primeiras lições os olhos de seu entendimento se abririam para a razão; sem preconceitos, sem hábitos, ele nada teria em si que pudesse obstar o efeito de vossos trabalhos. Logo se tornaria em vossas mãos o mais sábio dos homens e, começando por nada fazer, teríeis feito um prodígio de educação". ROUSSEAU (1999, p. 91)

mudos animais devem ser treinados, pois não possuem razão nem inteligência. À mente humana, porém, deve ser ensinado o domínio próprio” (WHITE: 1994, p. 2).

A dialética entre autonomia e heteronomia, entre diretivismo e não-diretividade no pensamento whitiano é mantida em equilíbrio, encontra sua síntese, através da categoria do "domínio próprio", o qual não é uma capacidade intrínseca ao ser humano, mas deve ser cultivada sob a direção dos pais e professores.

Na realidade, esta dialética entre diretivismo e não-diretividade estava fadada a tornar-se uma característica importante na pedagogia Adventista, pois, se de um lado Ellen White afirmou: "Os que tornam seu objetivo educar os alunos de maneira que estes vejam e sintam estar neles próprios o poder de formar homens e mulheres de sólidos princípios, habilitados para qualquer posição na vida, são os mestres mais úteis e de êxito permanente" WHITE (1994, p. 4). Por outro lado também protestou:

Os estudantes têm empregado seu tempo em entulhar laboriosamente o espírito de conhecimentos, dos quais pouco poderiam utilizar. A mente, carregada desta maneira com aquilo que ela não pode digerir e assimilar enfraquece-se; torna-se incapaz de um esforço vigoroso e confiante em si, e contenta-se com depender do juízo e percepção de outrem.

Notando os inconvenientes deste método, alguns têm ido para o outro extremo. Segundo sua opinião, o homem necessita apenas desenvolver aquilo que tem dentro de si. Tal educação conduz o estudante à presunção, separando-o assim da fonte do verdadeiro poder e conhecimento. WHITE (1977, p. 230).

Além deste tipo de "educação positiva", no documento de 1872 Ellen White faz coro com Horace Mann, criticando as condições insalubres das salas de aula existentes até então e defendendo a necessidade de estudo da fisiologia das crianças e fortalecimento da constituição física das crianças com atividades ao ar livre.

Refletindo também o movimento protestante de promoção do trabalho manual na escola, Ellen White prescreveu: "Ligados às escolas deve haver estabelecimentos que desenvolvam vários ramos de trabalho, a fim de os estudantes terem ocupação e o necessário exercício fora das horas de estudo". WHITE (1994, p. 12).

Estes são os principais traços da proposta inicial da pedagogia Adventista, através dos quais pode-se inicialmente inferir que aceitou-se a modernidade educacional com algumas reservas.

Porém, não se conseguiu implementar as idéias educacionais desta primeira proposição da Pedagogia Adventista no Battle Creek College, especialmente as que prescreviam um currículo centrado na Bíblia, a rejeição dos autores clássicos e o trabalho manual.

Esta primeira experiência foi chamada de "traição filosófica", uma vez que o currículo, à semelhança das escolas que não possuíam filosofia cristã, girou em torno da literatura clássica.

No entanto, em 1882, com o objetivo de definitivamente implementar as idéias de "reforma educacional", foram fundadas duas outras instituições Adventistas para o ensino secundário: uma na Califórnia, a Healdsburg Academy, embrião do atual Pacific Union College, e outra em Massachusetts, a South Lancaster Academy, embrião do atual Atlantic Union College.

Outros importantes passos na constituição do sistema educacional foram dados em 1887, com a criação de um departamento de educação na Conferência Geral dos Adventistas e a realização no ano seguinte da primeira convenção de professores Adventistas: trinta professores representando cinco escolas compareceram.

Mas o grande incentivo para a implementação de uma filosofia cristã de educação foi a convenção educacional em Harbor Springs, Michigan, entre Julho e Agosto de 1891.

Durante esta convenção foi estudado o livro de Romanos e Ellen White ressaltou a necessidade de um relacionamento pessoal com Cristo, de um reavivamento espiritual entre os educadores, destacando a centralidade da educação na mensagem cristã, ou seja, as implicações educacionais do evangelho. Foi a via da emoção reagindo e pressionando pela adoção de uma cosmovisão bíblicamente orientada como suporte para a práxis educacional.

Até aquele momento havia predominado apenas uma educação com alguns elementos religiosos, mas, a partir de então, a Bíblia passou a ocupar o lugar central na escola. Foi o marco da "adventização" da educação Adventista do Sétimo Dia. KNIGHT (1994)

O próximo passo importante na constituição da pedagogia Adventista foi a criação em 1897 da Avondale School for Christian Workers, na Austrália, sob a pessoal orientação de Ellen White e seguindo os princípios educacionais assumidos na convenção de Harbor Springs. O resultado foi que a Avondale School tornou-se o padrão para as escolas Adventistas.

A etapa seguinte na evolução histórica da educação Adventista foi a definitiva internacionalização do sistema educacional ainda na década de 1890. Esta foi causa e efeito da expansão do programa missionário Adventista. Nesta década iniciou-se o trabalho educacional Adventista no Brasil.

A EDUCAÇÃO ADVENTISTA NO BRASIL

A modernidade e a evolução do protestantismo dentro dos quadros do capitalismo industrial e do imperialismo euro-norte-americano, que serviram de estrutura ampla para a compreensão do surgimento e evolução do adventismo nos Estados Unidos e, conseqüentemente, de seu sistema educacional e Pedagogia, também serve de horizonte amplo para entender a penetração da educação Adventista no Brasil.

Com relação à introdução do protestantismo e de sua educação no Brasil, RIBEIRO (1981) considera que a mesma ocorreu como parte de um processo amplo, de dependência política, econômica e cultural. Seguindo linha de raciocínio semelhante, MESQUIDA (1994, p. 22), em seu *Hegemonia Norte-Americana e Educação Protestante no Brasil*, apresenta algumas causas dentre as quais destacam-se duas mais genéricas. Diz o autor:

Para explicar e explicitar a dialética que une a educação confessional de origem missionária norte-americana à sociedade brasileira propomos, como hipótese fundamental, que a presença do protestantismo no Brasil – em particular a Igreja Metodista – deve ser interpretada em relação:

- a) ao desejo das elites progressistas da Região Sudeste do Brasil de fins do século XIX e início do XX, de se aproximarem dos EUA e de imitarem seu modelo político, econômico e cultural, identificando-se com a concepção de mundo e com os ideais republicanos e liberais norte-americanos;
- b) ao interesse norte-americano de exercer hegemonia cultural, política e econômica no Brasil.

Embora se possa entrever, estas explicações não tornam claro que a introdução da educação protestante no Brasil pode ser vista como um episódio da inserção do país nos quadros da modernidade.

Porém, BARBANTI (1977) em sua tese doutoral, *Escolas Americanas de Confissão Protestante na Província de São Paulo*, citando Rubem Alves, permite

divisar a ‘onda de modernidade que então (século XIX) invadia a América Latina’, no bojo da qual o protestantismo, trazendo os valores e ideais da sociedade burguesa euro-norte-americana, se instalou no Brasil.

Apesar da escravidão, do agrarismo e da mentalidade católico-conservadora¹⁸, haverem retardado a plena introdução da modernidade no país, quando da instalação do sistema educacional protestante, foi feita uma identificação entre a “mentalidade” protestante e os ideais da modernidade.

AZEVEDO (1976), ao analisar a educação brasileira, dentro do amplo quadro da cultura nacional, situa a origem da escola confessional protestante no país sobre o pano de fundo da concorrência entre a “concepção da pedagogia católica”, ligada às tradições do regime imperial, e a concepção da escola leiga, que cultua o espírito de investigação científica¹⁹ e liberdade, com a qual a mentalidade protestante encontra similaridades e irá se aliar no embate contra o sistema pedagógico católico.

O fato é que o protestantismo, iniciador do processo de modernidade educacional, tornou-se também o responsável pela sua introdução no Brasil. Isto pode ser percebido pela relação de materiais didáticos que deveriam ser utilizados em uma escola a ser fundada em 1875 na cidade de Itu, São Paulo, sob inspiração da educação norte-americana:

Mesas, bancos de assentos reversíveis, pedras de ardósia, mapas, globos, ábacos, mapas de anatomia (olho, coração), modelo de cabeça, retratos de homens ilustres, microscópios, aparelhos de física e química, aparelhos para ginástica, aparelho telegráfico²⁰,

¹⁸. Mesmo vivendo-se no Brasil o processo de inserção nos quadros da modernidade, no final do século XIX e início do século XX, mantiveram-se as estruturas de hegemonia político-econômica e social vindas da época do Império. A isto correspondia também a continuidade da mentalidade católico-conservadora que, apesar de sofrer o golpe da separação Igreja X Estado imposto pela Constituição de 1891, já em 1896, através das “Conferências Anchiitanas” convocadas por Eduardo Prado, lançava a ideologia da identidade nacional católica, a chamada “cultura católico-brasileira”. SANCHIS (1994).

¹⁹. No final do século XIX, a ciência “significava a ideologia da modernização, imposta às atrasadas e supersticiosas massas rurais pelos *científicos*, elites políticas esclarecidas de oligarcas inspirados pelo positivismo – como no Brasil da República Velha e no México de Porfírio Dias. Significava o segredo da tecnologia ocidental. Significava o darwinismo social que legitimava os multimilionários americanos”. HOBBSAWM (1988, p. 365.)

²⁰. Considerando que o telégrafo atingiu o auge de sua importância no período que abrange o final do século XIX e início do séc. XX e que o primeiro telégrafo público do Brasil data de 1858, a presença deste equipamento no ano de 1875 em uma escola do interior paulista é um indício de modernidade. Também é interessante notar que a ginástica moderna vai se desenvolver na Europa, apenas um pouco antes desta data.

pequeno prelo e caixa com 64 formas e sólidos para o ensino objetivo. BARBANTI (1977, p. 149).

O âmbito desta influência no Brasil pode ser constatado também pelas palavras da mesma autora, ao comentar a reforma educacional paulista de 1890:

O espírito da reforma de 1890 é, provavelmente, tributário da pedagogia de Pestalozzi, Froebel, Herbart e Spencer, conhecida mediante o contacto com obras desses autores, mas, sobretudo, da práxis pedagógica das escolas protestantes americanas, que há 20 anos vinham atuando continuamente na Província de São Paulo com o apoio de suas elites progressistas” BARBANTI (1977, p. 180).

No entanto, é importante ressaltar que a influência desta práxis pedagógica protestante no Brasil não ficou restrita ao Estado de São Paulo. AZEVEDO (1976, p. 128) amplia este quadro:

A penetração das escolas protestantes, iniciada no último quartel do século XIX, somente no século atual pôde alargar a sua esfera de ação e ganhar bastante profundidade para produzir os seus efeitos e influir realmente na renovação da mentalidade educacional e dos processos de ensino no país.

Assim, a modernidade educacional era representada no Brasil de então pelas escolas protestantes que, adotando o chamado “método de coisas”, inspirando-se em teóricos educacionais humanistas e liberais, além da utilização de recursos pedagógicos atualizados com o progresso, assumiram a vanguarda educacional no país.

O processo de introdução da educação Adventista no Brasil foi bastante diferente deste vivenciado pelo protestantismo histórico no Brasil.

As duas principais denominações que trouxeram o protestantismo para o Brasil, além de representarem o segmento religioso dominante nos Estados Unidos, contando com o apoio de seu governo²¹, para sua obra missionária, desfrutaram também da boa vontade do governo brasileiro, e por ocasião da inauguração de seus respectivos sistemas educacionais, o fizeram em aliança com as elites nacionais e em função de um

²¹ MESQUIDA (1994, p. 114).

projeto liberal de preparo das elites dominantes.²²

A educação Adventista chegou ao Brasil como parte da empreitada missionária de uma recém formada denominação protestante (1844-1860) que se originou no norte²³ dos Estados Unidos e que não possuía ali expressão política e, igualmente, não contou com o apoio de elites dominantes no Brasil do final do século XIX.

Quanto à diferença oriunda da região de origem da maioria dos protestantes históricos, e da região de origem do adventismo, é importante ressaltar que os *tipos* de protestantismo praticados nestas duas regiões norte-americanas foram transportados para o Brasil.

No livro *The Confederados: Old South Immigrants in Brazil*, editado por DAWSEY & DAWSEY (1984, p. 89), os mesmos editores, ao analisarem as contribuições destes imigrantes para o Brasil, especialmente no que diz respeito à religião e educação, afirmam:

Relativo à implantação do Protestantismo no Brasil, Weaver argumenta que os emigrados Sulistas levaram as suas fés religiosas com eles para o Brasil. Lá, eles 'estabeleceram igrejas protestantes para a sua própria adoração... [e] suas colônias serviram como centros dos quais poderiam ser lançadas bem sucedidas missões evangélicas para os brasileiros.' Em linhas gerais, ela reivindicou aquele tronco principal do Protestantismo, que apesar de originado no Brasil antes de 1865, foi impulsionado fortemente pela chegada dos americanos..

Por outro lado, na *História Geral da Civilização Brasileira* dirigida por Sérgio Buarque de Holanda, se afirma: “O conflito entre sulistas e nortistas americanos,

²² BOAVENTURA (1978, p. 95).

²³ “Como é geralmente conhecido, o Sul era, como até certo ponto ainda é, o chamado ‘círculo da Bíblia’ dos Estados Unidos. Os teólogos sulistas protestantes eram ortodoxos intérpretes das Escrituras Sagradas – ‘fundamentalistas’, nos tempos hodiernos. A escravidão era tida como uma instituição ordenada por Deus. O negro era um descendente de Cam, amaldiçoado por Deus para ser sempre ‘o servo dos servos de seus irmãos’. O protestante sulista acreditava que ele, só ele, era o verdadeiro defensor da palavra de Deus. (...)”

Do ponto de vista do protestante sulista os yankees há muito tinham abandonado o caminho de Deus. O Protestantismo nortista, que não tinha renunciado inteiramente ao Cristianismo para tornar-se unitarista, fora influenciado pelos novos conceitos da Alta crítica da Bíblia, ainda que fosse, de modo geral, bem conservador. Além disso, sob a influência de idéias liberais, os protestantes nortistas tinham-se rebelado contra aquela ‘instituição peculiar’ do sul – a escravidão – pretensamente estabelecida por Deus”. VIEIRA (1980, pp. 212 - 213).

baseado em velhas divergências, parece haver continuado aqui, mas não constituiu barreira suficientemente forte para impedir que os dois grupos perdessem a sua identidade e se mesclassem sob o rótulo de americanos” HOLANDA (1987, p. 269).

A isto, portanto, não se pode atribuir diferenças significativas, ainda mais que a fundação do sistema educacional Adventista no Brasil não se apoiou num processo de imigração norte-americana e o início deste trabalho ocorreu na região sul, entre as já estabelecidas colônias de imigrantes alemães, grande parte de origem protestante²⁴.

Em Junho de 1896 ocorreu a criação do “Colégio Internacional de Curitiba”, sob a direção de Guilherme Stein Jr., professor oriundo de Piracicaba - SP. No entanto, esta escola, apesar de seguir a orientação confessional Adventista, foi uma iniciativa particular, sem ligação oficial com a administração da igreja. Em termos de Escola Paroquial, fundada oficialmente por representantes da Igreja Adventista no Brasil, o início ocorreu com a criação da Escola de Gaspar Alto, distrito de Brusque, Santa Catarina, em 15 de outubro de 1897, também sob direção de Guilherme Stein Jr., que para lá fora transferido.

Os que procuravam a educação Adventista em seus primórdios no Brasil eram os jovens da emergente classe média rural. Foram os pequenos proprietários agrícolas nas colônias alemães que enviaram seus filhos para receberem educação ministrada no idioma de seus ancestrais.

Nestes primórdios, o ideal educacional adventista era formar o “missionário”²⁵, a fim de espalhar o adventismo pelo país. E, de fato, iniciando seus trabalhos com uma escola elementar em 1897, logo em 1900, já se instalou em Gaspar Alto (SC) o “Colégio Superior”, sob a direção e magistério do Pastor de origem alemã John Lipke, que consistia basicamente de um curso de preparação de missionários.

Após esta origem no Paraná e em Santa Catarina, através da transferência em

²⁴ Foi durante o período de expansão do adventismo pelo mundo que o mesmo chegou ao Brasil. Primeiramente, em 1884, através de um pacote de literatura enviado ocasionalmente para um colono luterano, Carlos Dreefke, residente na colônia alemã do Vale do Itajaí, Santa Catarina. Efetivamente, em maio de 1893, chegou o primeiro missionário Adventista ao Brasil, Albert B. Stauffer, vendedor de literatura produzida pela própria igreja.

²⁵ Com relação a este ideal, a *Revista Adventista*, publicação oficial da denominação no Brasil, em Outubro de 1974, assim se expressou: “Das carteiras da primeira escola adventista no Brasil, Gaspar Alto (SC), surgiram obreiros e raios da verdade em direção aos diferentes rincões da Pátria. A escola de Rolante, RS, forneceu uma média de 100 obreiros em variadas categorias – inclusive respeitáveis líderes para o campo nacional”.

1903 do “Colégio Superior” para Taquari, no Rio Grande do Sul, e da instalação do primeiro prelo Adventista do Brasil nas dependências deste colégio, o adventismo fez das terras gaúchas seu principal centro e foco de irradiação, iniciando-se aí, em 1904, o proselitismo junto aos brasileiros natos, e a subsequente criação de escolas com ensino em português, com professores brasileiros sem ascendência alemã.

No entanto, pouco depois, em virtude da distância desta localidade gaúcha em relação às outras partes do Brasil, foram transferidos para o Sudeste tanto a imprensa Adventista (1907), que foi instalada em São Bernardo do Campo (SP), quanto o “Colégio Superior”, fechado no Rio Grande do Sul em 1910 e reaberto em 1915, em Capão Redondo, São Paulo.

Este episódio, que reflete o momento histórico de dominação da vida política e econômica do Brasil pelas elites agrárias do Sudeste, especialmente de São Paulo e Minas Gerais, assinalou uma característica marcante da evolução do sistema educacional Adventista no país, qual seja, o acompanhamento da tendência capitalista do desequilíbrio regional, concentrando recursos, sobretudo nas regiões mais desenvolvidas.

Este é um indicativo de que o adventismo tende a seguir a modernidade instrumental, racionalizando suas empreitadas missionárias e educacionais. Apesar de não se poder falar que havia consciência de ruptura com a modernidade e tudo que a mesma representa, no que diz respeito aos aspectos ideológicos o esforço do adventismo foi por manter uma relativa independência. Isto foi possível observar na seqüência da história da educação Adventista no Brasil.

Apesar da semelhança entre algumas práticas da proposta educacional Adventista e certas prescrições da chamada “Escola Nova” (educação integral, educação prática com trabalhos, educação campestre em regime de internato), que serviu de fundamentação para os debates produzidos ao final da década de 1920, culminando com o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova em 1932, o fato das escolas adventistas do Brasil se pautarem pelos princípios consubstanciados na práxis educacional do adventismo norte-americano determinou a peculiaridade do sistema de educação Adventista no Brasil.

CONCLUSÃO

Para entender a origem e as características peculiares do sistema educacional

Adventista no Brasil é necessário situá-lo dentro de sua proto-história, ou seja, o caldo cultural dos Estados Unidos durante o século XIX.

Sendo assim, destaca-se a dialética deste movimento religioso de inspiração fundamentalista com a dominante cultural contemporânea, a modernidade, e sua tensão entre as vias da racionalidade e da emoção.

A mentalidade coletiva estadunidense na primeira metade do século XIX foi marcada profundamente por uma religiosidade peculiar e que se traduziu no chamado “Segundo Grande Despertar Religioso”, fonte primeva do adventismo. A formação do sistema educacional Adventista recebeu forte influência deste ideal religioso que cultivava a reforma educacional como instrumento de mudança social e que, entre os Adventistas, deveria assegurar a transmissão de sua visão de mundo de natureza contracultural.

Como ocorreu nos Estados Unidos, a penetração da modernidade no país também foi o pano de fundo para o surgimento da educação Adventista no Brasil. Portanto, a conclusão principal deste trabalho é que a educação Adventista se implantou no Brasil, transplantando para cá toda uma sistemática de funcionamento, objetivos e o desafio de se constituir enquanto ideologia educacional de inspiração bíblico-cristã no momento em que o país procurava se adequar aos parâmetros da modernidade Ocidental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO & VISALBERGHI. N & A. **Historia de la Pedagogía**. México, D.F: Fondo de Cultura Económica, 1995.

AZEVEDO, Fernando de. A Transmissão da Cultura. In._____. **A Cultura Brasileira**. 5ª ed. São Paulo: Melhoramentos. Brasília: INL, 1976.

BARBANTI, Maria Lúcia H. **Colégios Americanos de Confissão Protestante na Província de São Paulo**: Sua aceitação pelas elites progressistas da época. São Paulo. Didática, 17: 23-32. 1981.

_____. **Escolas Americanas de Confissão Protestante na Província de São Paulo**: Um estudo de suas origens. São Paulo, 1977. Tese de Doutorado. USP.

BOAVENTURA, E. **A Educação Metodista no Brasil**. (Origem, evolução e ideologia). Piracicaba, 1978. Dissertação de Mestrado. Unimep.

_____. **A Educação Metodista e o Processo Civilizador**. Anais do 3º Simpósio

Internacional Processo Civilizador: Educação, História e Lazer. 11 a 13 de Novembro de 1998. Universidade Metodista de Piracicaba.

BORGES, Michelson. **A Chegada do Adventismo ao Brasil**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000.

BRUCHEY, Stuart. **As Origens do Crescimento Econômico Americano**. 1607 – 1861 Rio de Janeiro: Record, 1966.

BUTLER, Jonathan M. **The Making of a New Order**. In: NUMBERS & BUTLER, Ronald L. & Jonathan M. (Ed.) *The Disappointed: Millerism and Millenarianism in the Nineteenth Century*. 2nd ed. Knoxville: University of Tennessee Press, 1993.

CADWALLADER, E. M. **Filosofia Básica de La Educación Adventista**. Tomos 1, 2 e 3. Villa Libertador San Martín, Argentina: Centro de Investigacion White, 1993, 1995, 1996.

CAIRNS, Earle E. **O Cristianismo Através dos Séculos**: Uma história da igreja cristã. São Paulo: Vida Nova, 1992.

CHAUNU, Pierre. **A Civilização da Europa das Luzes**. Vol. I. 2^a ed. Lisboa: Estampa, 1985.

CRUNDEN, Robert M. **Uma Breve História da Cultura Americana**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1994.

DAWSEY & DAWSEY, Cyrus B. & James M. (edit.) **The Confederados: Old South immigrants in Brazil**. Tuscaloosa and London: The University of Alabama Press. 1995.

DICK, Everett. **Fundadores da Mensagem**. Santo André, SP: CPB, 1976.

DOAN, Ruth Alden. **Millerism and Evangelical Culture**. In: NUMBERS & BUTLER, Ronald L. & Jonathan M. (Ed.) *The Disappointed: Millerism and Millenarianism in the Nineteenth Century*. 2nd ed. Knoxville: University of Tennessee Press, 1993.

DOUGLASS, Herbert E. **Messenger Of the Lord: The Profhetic Ministry of Ellen G. White**. In: WOOD, Kenneth H. (Editor). Nampa, Idaho: Pacific Press, 1998.

DYBDAHL, Jon L. (Ed.) **Adventis Mission in the 21st Century: The Joys and Challenges of Presenting Jesus to a Diverse World**. Hagerstown: Review and Herald Publishing Association, 1999.

EBY, Frederick. **História da Educação Moderna**. Porto Alegre: Globo, 1962.

EDUCAÇÃO CENTRAL BRASILEIRA. Artur Nogueira, SP. Departamento de Educação da UCB. Janeiro-Março 1999.

Evangelicalism, Revivalism and the Second Great Awakening. National Humanities Center Donald Scott. Queens College. City University of New York.

Disponível em: <http://www.nhc.rtp.nc.us:8080/tserve/nineteen/nkeyifo/nevanrev.htm>. Acesso em: 01 fev. 2000.

Evangelicalism as a Social Movement. National Humanities Center Donald Scott. Queens College. City University of New York. Disponível em: <http://www.nhc.rtp.nc.us:8080/tserve/nineteen/nkeyinfo/nevan> Acesso em: 02 fev. 2000.

FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe. **Milênio**: Uma história de nossos últimos mil anos. Rio de Janeiro: Record, 1999.

FINNEY, Charles G. Teologia Sistemática. Disponível em; <http://fires.dragonfire.net/autobio.htm> Acesso em: 24 jan. 2000.

FINSETH, Ian Frederick. Liquid Fire Within Me: Language, self and society in transcendentalism and early evangelicalism, 1820 - 1860. Tese de Mestrado. Disponível em: <http://xroads.virginia.edu/~MA95/finseth/> Acesso em: 24 jan. 2000.

FOHLEN, Claude. **América Anglo-Saxônica**: De 1815 à atualidade. São Paulo: Pioneira: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981.

FULLAT, Octavi. **Filosofias da Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

GASPARIN, João Luís. **Comênio**: A emergência da modernidade na educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

GAY, Peter. O Iluminismo. In: WOODWARD, C. Vann (Org.) **Ensaio Comparativos sobre a História Americana**. São Paulo: Cultrix, 1972.

GHIRALDELLI JR., Paulo. (Org.) **O que é Filosofia da Educação?** 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

GIDDENS, Anthony. **As Conseqüências da Modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GILES, Thomas Ransom. **História da Educação**. São Paulo: EPU, 1987.

GRIFFEN, Clyde. O Ethos Progressista. In: COBEN & RATNER, Stanley & Lorman. **O Desenvolvimento da Cultura Norte-Americana**. Rio de Janeiro: Anima, 1985.

GROSS, R. **Colégio Internacional de Curitiba**: Uma história de fé e pioneirismo: Primeira escola adventista do 7º dia no Brasil. Rio de Janeiro: Collins, 1996.

HERMAN, Arthur. **A Idéia de Decadência na História Ocidental**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

History of Oberlin College. Oberlin Online. www.oberlin.edu Em 17 fev. 2000.

HOBSBAWM, Eric J. **A Era dos Impérios**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. **A Era das Revoluções**: 1789 - 1848. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

HOLANDA, S. B. de. (Org.) **História Geral da Civilização Brasileira**. O Brasil Monárquico. Reações e Transações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil – DIFEL, 1987. Tomo II. 3º Vol.

HORKHEIMER, Max. **Conceito de Iluminismo**. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Pensadores).

International Institute of Social History. Disponível em: <http://www.iisg.nl/archives/> Acesso em: 17 fev. 2000.

Internet Modern History Sourcebook: 19th Century Religion. Disponível em: <http://www.fordham.edu/halsall/mod/modsbook37.html#Religion%20in%20the%20Face%20of%20Modernity>. Acesso em: 17 fev. 2000.

JEFFERSON, Thomas. **OS PENSADORES**. 3ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

KANT, Immanuel. 2ª ed. **OS PENSADORES**, São Paulo: Abril Cultural, 1983.

_____. **Sobre a Pedagogia**. Tradução de Francisco Cock Fontanella. 2ª ed. Piracicaba: Editora Unimep, 1999.

KNIGHT, George R. **Filosofia e Educação**: Uma introdução da perspectiva cristã. Engenheiro Coelho, SP: Imprensa Universitária Adventista. Centro Universitário Adventista de São Paulo, 2001.

_____. **Myths in Adventism**. Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association. 1985.

_____. **Breve História dos Adventistas do Sétimo Dia**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000.

_____. **The Dynamics of Educational Expansion**: A Lesson From Adventist History. Em: The Journal of Adventist Education. April - May, 1990.

_____. **Oberlin College and Adventist Educational Reforms**. In: Adventist Heritage. Springs, 1983.

_____. **Adventismo, Institucionalismo e o Desafio do Secularismo**. Ministério. Janeiro/Fevereiro, 1992.

_____. **Desafiando a Continuidade da História**. Ministério. Ano 64 - Número 3 - Maio/Jun. 1993.

_____. **Millennial Fever and The End of The World**: A study of Millerite Adventism. Boise, Idaho: Pacific Press Publishing Association, 1993.

_____. **1844 and the Rise of Sabbatarian Adventism**. Hagerstown, MD. Review and Herald Publishing Association, 1994.

_____. **Adventist Theology 1844 to 1994**: Our search for identity and the threat of

polarity. Ministry. August. 1994.

LAND, Gary (Ed.) **The World of Ellen G. White**. Washington, D.C. Review and Herald Publishing Association, 1987.

LARROYO, Francisco. **História Geral da Pedagogia**. Tomo I. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

LÉONARD, Emile – G. **O Protestantismo Brasileiro**. São Paulo: Aste – Juerp, 1981.

LEWIS, W. David. O Reformador como Conservador: A Contra-Subversão protestante na república primitiva. In: COBEN & RATNER. Stanley & Norman. **O Desenvolvimento da Cultura Norte-Americana**. Rio de Janeiro: Anima, 1985.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e Modernidade: Presente e futuro da escola. In: Guiraldelli Jr, Paulo. (Org.) **Infância, Escola e Modernidade**. São Paulo: Cortez; Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1997.

LUZURIAGA, Lorenzo. **História da Educação e da Pedagogia**. 17ª ed. São Paulo: Editora Nacional, 1987.

_____. **História da Educação Pública**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da Educação: Da antiguidade aos nossos dias**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 1996.

MAUK & OAKLAND, David & John. **American Civilization: An introduction**. New York: Routledge, 1995.

MEY JR. Roy H. **Manifest Destiny: América The New Israel**. Disponível em: <http://gbgm-umc.org/umw/joshua/manifest.html> Acesso em: 17 fev. 2000.

MESQUIDA, P. **Hegemonia Norte-Americana e Educação Protestante no Brasil**. Juiz de Fora: EDUFJF; São Bernardo do Campo: EDITEO, 1994.

MONROE, Paul. **História da Educação**. 13ª ed. São Paulo: Editora Nacional, 1978.

MOUSNIER & LABROUSSE, R & E. **O Século XVIII: O último século do antigo Regime**. Tomo V. Vol. 11. 3ª ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.

NICHOLS, Roy F. et al. **Os Estados Unidos de Ontem e de Hoje**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941.

NYE & MORPURGO, R. B. & J. E. **História dos Estados Unidos**. A Formação dos U.S.A. 2º Vol. Lisboa: Ulisseia, 1955.

OLIVEIRA, Enoch. **A Mão de Deus ao Leme**. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1985.

PRIORE, Mary Del. **História da Criança no Brasil**. São Paulo: Contexto. 4ª ed.,

1996.

RABELLO, J. **John Boehm**: Educador e pioneiro. São Paulo: Centro Nacional da Memória Adventista. Instituto Adventista de Ensino, 1990.

RÉMOND, René. **O Século XIX**: 1815 - 1914. São Paulo: Cultrix, 1981.

REVISTA ADVENTISTA, Santo André, Casa Publicadora Brasileira. Out /72.

REVISTA ADVENTISTA, Santo André, Casa Publicadora Brasileira. Dez /72.

REVISTA ADVENTISTA, Santo André, Casa Publicadora Brasileira. Jan/74.

REVISTA ADVENTISTA, Santo André, Casa Publicadora Brasileira. Out/74.

Revivalism and Benevolence. Disponível em: <http://www.fu.edu/~matthet/perspectives/serven.html> Acesso em: 15 fev. 2000.

RIBEIRO, Maria Luísa S. **História da Educação Brasileira**: A organização escolar. 3ª ed. São Paulo: Moraes, 1981.

ROCHE, J. **A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969. Vol. II.

ROMANELLI, O. de O. **História da Educação no Brasil**. 21ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

Romanticism. Disponível em: <http://members.aol.com/honors10/home.html> Acesso em: 16 fev. 2000.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio, ou, Da Educação**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ROWE, David L. Millerites: A Shadow Portrait. Em: NUMBERS & BUTLER, Ronald L. & Jonathan M. (Ed.) **The Disappointed**: Millerism and Millenarianism in the Nineteenth Century. 2nd ed. Knoxville: University of Tennessee Press, 1993.

SANCHIS, P. O Repto Pentecostal à Cultura Católico-brasileira. Em: ANTONIAZZI, A. et al. **Nem Anjos nem Demônios**: Interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994.

SARGENT, Lyman Tower. **Dreams and Other Products of Nineteenth-Century Communities**. Disponível em: <http://www.ic.org/pnp/cdir/1995/31sargent.html> Acesso em: 15 fev. 2000.

SCHWARZ, R. W. **Light Bearers To The Remnant**. Washington, U.S.A.: Pacific Press Publishing Association, 1979.

SELLERS, Charles. (MAY, Henry; MCMILLEN, Neil R.) **Uma Reavaliação da História dos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

SYME, Eric. **A History of DAS Church-State Relations in The United States.** Mountain View, California: Pacific Press, 1973.

TOCQUEVILLE, Alexis de. **A Democracia na América.** 3ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. (Os Pensadores)

VIEIRA, D.G. **O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil.** 2ª ed. Brasília: Editora UNB. 1980.

VIEIRA, J.C. **Avanço Adventista na América Latina:** Um século de Milagres. Diálogo Universitário. Volume 7. Número 2. 1995.

VIEIRA, R.C. de C. **Vida e Obra de Guilherme Stein Jr.:** Raízes da igreja adventista do sétimo dia no Brasil. Tatuí,: Casa Publicadora Brasileira, 1995.

WHITE, Ellen G. **Educação.** Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1977.

_____. **Conselhos sobre Educação.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1994.